

Editorial

Na terra onde o C equivale a A e o B não vale nada



Prof. Dr. Marco Antonio Guimarães da Silva
marco@atlanticaedu.com.br

O modo como encaramos e até incentivamos a inserção de estrangeirismos na nossa língua pode ser um claro indicativo da falta de identidade cultural. Já quase que nos acostumamos, sem cerimônias, a ter os nossos edifícios batizados com nomes expressos em quase todas as línguas, exceto a língua pátria. *Deletamos* os documentos indesejáveis, *restartamos* o PC (*personal computer*) e por aí afora.

Se a nossa subordinação colonizada parasse por aí, poderia restar àqueles que ainda sofrem de indignação com a surda e onipresente invasão usurpadora da língua mãe algum consolo. Mas não parará. Tal e qual um câncer em fase de disseminação, sem nenhum esboço nosso de resistência, por covardia ou, talvez, mais eufemisticamente se expressando, por apatia, nos deixamos contaminar e vencer. O que vem de “fora” sempre nos parece mais confiável, de melhor qualidade, e é sempre o melhor. Temos excelentes cursos de doutorado e mestrado, mas vir com o título de uma universidade européia ou americana (algumas vezes de origem duvidosa) impressiona os menos esclarecidos. Em algumas situações, um sobrenome de difícil pronúncia pode ser o diferencial de desempate ao preenchimento de vagas de emprego, deixando-nos, *os Pereiras e os Silvas* da vida, em segundo plano. As festas das bruxas – *Halloween* – começam a se incorporar e prosperar na nossa cultura. O futebol americano, aquele que aposenta as chuteiras, se insinua e já se faz presente nos nossos campos de pelada, que a partir de agora terão que mudar de alcunha.

A regra da subserviência cultural e artística parece se confirmar para todas as áreas. Na área acadêmica das publicações observa-se a seguinte pérola: um periódico indexado fora do país com a classificação “C”, dada por órgão competente no Brasil, equivale, segundo o mesmo órgão, a periódico classificado como “A” nacional. Os periódicos nacionais indexados pelo Sistema indexador LILACS/BIREME (cujo rigor indexador é infinitamente maior que os indexadores de periódicos “C” internacionais) são classificados como “B” nacionais. Em resumo, uma revista científica “C” internacional vale tanto quanto a “A” nacional e mais que a “B” nacional, segundo o critério de julgamento utilizado por nós mesmos.

Se a justificativa para tal discrepância ampara-se na qualidade dos artigos publicados, sugiro que se faça uma nova leitura do injusto julgamento.

Venho insistentemente escrevendo sobre os graves problemas de evidências encontrados nas pesquisas publicadas em periódicos de impacto e classificados como “A” internacional, supostamente os melhores do mundo na sua área de atuação. Faz sentido? Se você acha que não, tente falar com Deleuze. Em a *Lógica do sentido* (*Logique du sens*, 1969) Gilles Deleuze (1925-1996), nos apresenta um conjunto de 34 paradoxos através dos quais podemos vislumbrar o sentido da realidade. Para Deleuze o sem sentido se faz presente em todas as partes e põe de relevo a quantidade de esquizofrenias e elementos inconscientes que nos separam de um pretendido e impossível conhecimento nítido das coisas. A obra do filósofo francês pode não se aplicar integralmente à situação que discuti acima, mas, digressões à parte, ajuda a entendê-la.

A nossa solução, ao menos momentânea, seria recorrer a Florbela Espanca que, embora referindo-se em seu poema ao desengano amoroso, termina por sugerir a ilusão do país que sempre sonhamos, mas que talvez nunca tenha existido.

Nesse País de lenda, que me encanta,
Ficaram meus brocados, que despi,
E as jóias que plas aias reparti
Como outras rosas de Rainha Santa!

Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!
Foi por lá que as semeiei e que as perdi...
Mostrem-se esse País onde eu nasci!
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!

Ó meu País de sonho e de ansiedade,
Não sei se esta quimera que me assombra,
É feita de mentira ou de verdade!

Quero voltar! Não sei por onde vim...
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra
Por entre tanta sombra igual a mim!

Nostalgia, Florbela Espanca